revec
Revista de Estudos de Cultura
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
https://seer.ufs.br/index.php/revec
REVISTA DE ESTUDOS DE CULTURA
São Cristóvão (SE) | v. 10 | n. 26 | Jul. Dez./2024 | p. 27-44
Submetido em 19/07/2024 Aceito em 15/12/2024

EM MEIO À SUBJETIVIDADE DA LEITURA: MARCAS DE UM LEITOR SUBJETIVO

Ilsa do Carmo Vieira Goulart*

RESUMO

Nesse texto enfatiza-se a noção de subjetividade referente ao sujeito único, resultante da junção de um ser biológico e social, que o distingue de outros. O aspecto de individualidade não é a tônica, mas o modo como este sujeito processa as ações de seu contexto remete às respostas que emite aos acontecimentos vividos, demarca suas experiências e traça seu percurso de vida. Ao apresentar as noções conceituais de subjetividade e de sujeito subjetivo, busca-se contribuir para a compreensão das abordagens teóricas e metodológicas que podem subsidiar ou impactar o ensino de literatura. O trabalho fundamenta-se nos estudos de Morin (2005) e González Rey (2011) acerca da noção de subjetividade, de Rouxel e Langlade (2013) de leitura subjetiva, de Yunes (1995) de (inter) subjetividade.
Palavras-chave: Leitura subjetiva, Subjetividade, Leitor subjetivo.

* Doutora em Educação pela FE-UNICAMP; Professora do Departamento de Gestão Educacional, Teorias e Práticas de Ensino e do Programa da Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal de Lavras; Coordenadora do Núcleo de Estudos em Linguagens, Leitura e Escrita (NELLE), UFLA. Bolsista Produtividade FAPEMIG-CNPq. E-mail: ilsa.goulart@ufla.br Lattes: http://lattes.cnpq.br/2333309094936325 ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9469-2962

IN THE MIDST OF THE SUBJECTIVITY OF READING: MARKS OF A SUBJECTIVE READER

Abstract
In this text, the notion of subjectivity refers to a single subject resulting from the junction of a biological and social being, which distinguishes it from others, is considered. The aspect of individuality is not the tonic, but the way in which this subject processes the actions of his context, refers to the responses he emits to the events he has experienced, demarcates his experiences and traces his life path. By presenting the conceptual notions of subjectivity and subjective subject, it seeks to contribute to the understanding of theoretical and methodological approaches that can support or impact the teaching of literature. The work is based on the studies of Morin (2005) and González Rey (2011) about the notion of subjectivity, of Rouxel and Langlade (2013) on subjective reading, of Yunes (1995) of (inter)subjectivity.
Keywords: Subjective Reading, Subjectivity, Subjective reader.

EN MEDIO DE LA SUBJETIVIDAD DE LA LECTURA: MARCAS DE UN LECTOR SUBJETIVO

Resumen
En este texto, se considera la noción de subjetividad al sujeto único, resultante de la unión de un ser biológico y social, que lo distingue de los demás. El aspecto de la individualidad no es la tónica, sino la forma en que este sujeto procesa las acciones de su contexto se refiere a las respuestas que emite a los acontecimientos vividos, demarca sus vivencias y traza su camino vital. Al presentar las nociones conceptuales de subjetividad y sujeto subjetivo, se busca contribuir a la comprensión de los enfoques teóricos y metodológicos que pueden apoyar o impactar la enseñanza de la literatura. El trabajo se basa en los estudios de Morin (2005) y González Rey (2011) sobre la noción de subjetividad, de Rouxel y Langlade (2013) sobre la lectura subjetiva, de Yunes (1995) sobre la (inter)subjetividad.
Palabras clave: Lectura subjetiva, Subjetividad, Lector subjetivo.

INTRODUÇÃO

Ter em mãos um livro é inscrever-se nas orações que configuram o texto literário.
Ler é povoar o silêncio, é reconhecer-se como ser propício à solidão.
Ler é confirmar-se como um ser solitário, mas, mesmo assim,
condenado a procurar encontros, coesões, laços.
Ler é um exaustivo trabalho mental.
Bartolomeu Campos de Queirós (2012, p. 91)

Ao longo da vida, lemos tantas coisas, dentre a diversidade de textos que nos passam diante dos olhos, dentre aqueles que nos dedicamos ao estudo, ao entendimento de um determinado assunto, dentre outros a que recorremos para um descanso ou mesmo para uma reflexão interior, mas poucas são as leituras que nos afetam ou deixam marcas na intimidade e na memória, segundo Goulart (2011) e Goulart e Ferreira (2015). Trata-se de um percurso formativo literário pelo qual todos nós transitamos enquanto leitores, pois, conforme a epígrafe, remete a um ato de "confirmar-se como um ser solitário, mas, mesmo assim, condenado a procurar encontros, coesões, laços".

Ao discutir sobre a leitura como uma ação intensiva, por vezes até exaustiva, do encontro entre o leitor e o texto, Goulart (2023) destaca três situações que estão intimamente interligadas: a primeira diz respeito à leitura como *encontro solitário.* Remete a uma ação realizada por um sujeito e, ainda que outrem leia o texto, a compreensão leitora compete a este leitor, quando procura romper o silêncio ou distanciar-se das vozes, barulhos, externos ou internos, estabelecendo diálogos na interioridade, mesmo que se encontre na presença de outras pessoas, entre rumores ou ruídos diversos. A segunda situação diz respeito à leitura como *trabalho interior*, "um exaustivo trabalho mental" (Queirós, 2012, p. 91), em que este encontro com o texto é resultado de esforço intelectual de envolvimento, de atenção, de estudo, de estabelecer relações com leituras anteriores, de memorização, de compreensão, de assimilação. Por isso, "essa operação tem como característica a singularidade (subjetividade) e a efemeridade" (Goulart, 2023, p. 25).

A terceira situação da leitura é como ato de *formação e de transformação interior*. Essa situação da ação leitora evoca processos interiores em interlocução com as experiências vividas, que remetem a quem somos, ao reconhecimento de nossa identidade, daquilo que desejamos, das escolhas e do modo de ser, pensar e agir. Essa caracterização do ato de ler sugere a ativação dos processos cognitivos e afetivos "num imbricamento entre racionalidade e sensibilidade, em busca de admitir saberes não construídos, de reconhecer-se como sujeito aprendente, de propiciar um encontro de características que nos constituem enquanto sujeito-leitor" (Goulart, 2023, p. 26).

Essas três situações da leitura remetem ao aspecto subjetivo que a constitui. Diante disso, este texto traz como centralidade uma reflexão teórica sobre a subjetividade da leitura, ao apresentar as noções conceituais de subjetividade e de sujeito subjetivo, de modo a compreender e a sinalizar como tais abordagens teóricas e metodológicas podem subsidiar ou impactar no ensino de literatura. Para isso, desenvolvemos um estudo teórico com base nos estudos de Edgar Morin (2005) e González Rey (2011)

acerca da noção de subjetividade, de Annie Rouxel e Gérard Langlade (2013)[1] de leitura subjetiva, de Yunes (1995) sobre (inter)subjetividade, em interlocução com outros autores que discutem a temática da leitura subjetiva[2].

COMPREENDENDO O CONCEITO DE SUBJETIVIDADE

Para discorrermos a respeito da ideia de leitura subjetiva, trazemos alguns estudos a respeito da noção de subjetividade. Iniciemos com a concepção de Edgar Morin (2005), que apresenta uma reflexão sobre o eu e o não-eu, a partir da ideia de que toda pessoa é um ser "computante"[3], ou seja, que (re)elabora, de maneira não formal ou sistematizada, o que o autor denomina de "dados internos" e os "dados-a-contecimentos-externos", realizando um ato de soma, de junção dos dados em primeira pessoa. Morin (2005) explora a noção de sujeito como ser único que realiza um "cômputo" para si mesmo. Uma ideia complexa e ao mesmo tempo interessante, ao apontar que a "menor atividade viva supõe um cômputo pelo qual o indivíduo trata todos os objetos e dados em egocêntrica referência a ele mesmo" (Morin, 2005, p. 323).

O "eu" ocupa a posição egocêntrica[4], por isso o sujeito é considerado um "ser computante", situado na centralidade do universo, numa ótica egocêntrica. O sujeito é resultado da fusão entre o sujeito biológico e o sujeito social, em que

> a individualidade não é só diferença e singularidade, mas também subjetividade: ser sujeito é dispor, mediante o cômputo, da qualidade de autorreferência; é dispor-se no centro do seu universo (egocentrismo). Nesse sentido, o indivíduo-sujeito é único, mesmo quando é exatamente igual a seu congênere, como mostra o caso dos gêmeos homozigóticos (Morin, 2005, p. 285).

---

[1] A obra *Le sujet lecteur*. Lecture subjective et enseignement de la littérature, de Annie Rouxel e Gérard Langlade, foi publicada em 2004, em Rennes, França. Traduzida para o português pela professora e pesquisadora Neide Luzia Rezende (USP), em 2013, pela Editora Alameda, em divulgação dos estudos de Annie Rouxel e Gérard Langlade no Brasil.

[2] Em um levantamento das produções acadêmicas, na plataforma Capes, Catálogo de Teses e Dissertações que trazem como centralidade a leitura subjetiva, identificamos 46 trabalhos e, entre estes, 80% dos resumos apontam como subsídio teórico os estudos de Annie Rouxel e Gérard Langlade (2013). Estas produções em sua maioria constituem-se de dissertações publicadas a partir de 2015 até 2024, vinculadas a Programas de Pós-Graduação em Letras de diferentes regiões do país.

[3] De acordo com Morin (2005, p. 325), "em seu *cômputo* e no seu comportamento, o ser vivo apropria-se e identifica consigo a determinação genética, que não deixa de ser determinação, fornecendo-lhe, ao mesmo tempo, as aptidões organizadoras que lhe permitem não sofrer passivamente os determinismos e acasos do ambiente. Ao mesmo tempo, esse ser vivo não só extrai do ambiente os alimentos e informações que lhe permitem ser autônomo, mas também sofre os acontecimentos de sua vida que, constituindo seu destino, constituem também sua experiência pessoal. Há, portanto, autonomia do indivíduo-sujeito em e por dupla subjugação".

[4] A psicologia do desenvolvimento traz o pensamento egocêntrico, a partir da concepção de Piaget (1999, p. 41) de que o pensamento egocêntrico está entre o pensamento orientado ou dirigido e o pensamento autístico, o "pensamento orientado é consciente, isto é, prossegue objetivos presentes no espírito de quem pensa, É inteligente, isto é, encontra-se adaptado à realidade e esforça-se por influenciá-la. É suscetível de verdade e erro ... e pode ser comunicado através da linguagem. O pensamento autístico é subconsciente, isto é, os objetivos que prossegue e os problemas que põe a si próprio não se encontram presentes na consciência. Não se encontra adaptado à realidade externa, antes cria para si próprio uma realidade de imaginação ou sonhos. Tende, não a estabelecer verdades, mas a recompensar desejos e permanece estritamente individual e incomunicável enquanto tal, por meio da linguagem, visto que opera primordialmente por meio de imagens e, para ser comunicado, tem que recorrer a métodos indiretos, evocando, por meio de símbolos e mitos, os sentimentos que o guiam".

A noção de subjetividade refere-se a um sujeito único, junção de um ser biológico e social, que o distingue de outros. O aspecto de individualidade não é a tônica, mas o modo como este sujeito processa as ações de seu contexto remete às respostas que emite aos acontecimentos vividos, demarca suas experiências e traça seu percurso de vida.

Outra perspectiva acerca da subjetividade nos é apontada por González Rey e Torres (2020, p. 17)[5], que a relacionam ao desenvolvimento do psiquismo humano nas condições da cultura; trata-se de um elemento que nos diferencia dos animais, pois corresponde à "[...] forma complexa em que o psíquico humano toma lugar no desenvolvimento das pessoas e de todos os processos humanos". Para os autores, há uma diferença entre subjetivismo e subjetividade, pois esta última

> [...] permite uma concepção de mente que é inseparável da história, da cultura e dos contextos atuais da vida social humana. A subjetividade emerge quando a emoção passa a ser sensível aos registros simbólicos, permitindo ao homem uma produção sobre o mundo em que vive, e não simplesmente a adaptação a ele (González Rey & Torres, 2020, p. 17).

Numa vertente da psicologia histórico-cultural, com base nos estudos de Vigotski, González Rey (2011) define a subjetividade

> como a produção simbólico-emocional que emerge de uma experiência vivida, que integra o histórico e o contextual no processo de sua configuração. A unidade básica da subjetividade são os sentidos subjetivos. Processos operativos, sensoriais ou de processamento de informação, fora da sua relação com o sistema subjetivo da pessoa, eles podem aparecer em um nível formal-operacional, mas não um gerador de emoções. Esses processos são processos psíquicos, mas não os consideramos subjetivos[6] (González Rey, 2011, p. 313, tradução nossa).

A experiência vivida pelo sujeito é o que dá condições para a produção simbólico-emocional. Contudo, o autor explica que os processos operatórios mentais estão relacionados com a personalidade, que nem sempre diz respeito à subjetividade. Em outro estudo, Gómez e González Rey (2005, p. 374) apontam uma distinção entre personalidade e subjetividade, distinguindo personalidade como "[…] o sistema que tem o momento organizacional da subjetividade individual, mas este não se reduz à personalidade porque é uma subjetividade que existe num sujeito em ação, num sujeito em relação e, portanto, permanentemente confrontado num contexto"[7] (tradução nossa).

---

[5] Para González Rey e Torres (2020, p. 18), o "tema da subjetividade, após a década de 1970, vai aparecendo timidamente na psicologia soviética. Inclusive, Chudnovsky, que foi meu orientador, dá um avanço importante ao destacar as razões que impediram tratar o tema na psicologia soviética; porém, não articula de forma orgânica a subjetividade dentro da teoria psicológica, pela qual não chega a desenvolver uma definição específica do subjetivo. A subjetividade teve, na história da psicologia soviética, um grande *déficit*: a ausência do simbólico, das formas simbólicas, das realidades simbólicas, temas que foram trabalhados muito tardiamente na filosofia soviética e de forma incompleta pela psicologia".

[6] "como la producción simbólico-emocional que emerge ante una experiencia vivida, la cual integra lo histórico y lo contextual en el proceso de su configuración. La unidad básica de la subjetividad son los sentidos subjetivos. Los procesos operatorios, sensoriales o de procesamiento de información, fuera de su relación con el sistema subjetivo de la persona, pueden aparecer en un plano formal-operacional, pero no generador de emociones. Esos procesos son procesos psíquicos, pero no los consideramos como subjetivos" (González Rey, 2011, p. 313)

[7] "la personalidad es el sistema que tiene el momento organizativo de la subjetividad individual, pero ésta no se reduce a la personalidad porque es una subjetividad que existe en un sujeto en acción, en un sujeto en relación y por lo tanto permanentemente confrontada en un contexto" (Gómez & González Rey, 2005, p. 374).

É interessante apontar que a subjetividade não se reduz à personalidade, mas remete a uma caracterização interior do sujeito. Por essa razão os autores apresentam uma visão não determinista de personalidade, a qual não determina o comportamento, mas age em confronto ou em tensão com o contexto social, o que define uma presença de "sentido subjetivo" como uma marca da atuação do sujeito. Dessa forma, esta

> [...] presença, que não é a causa do comportamento, mas um momento de produção de sentido subjetivo que antecipa a ação do sujeito e que se integra a ela num processo com múltiplas alternativas de desenvolvimento, que pode ter formas de expressão muito diferentes[8] (Gómez & González Rey, 2005, p. 374, tradução nossa).

Para González Rey (2011), os aspectos históricos e sociais também aparecem como determinações subjetivas, que impactam na configuração desse sujeito subjetivo. O contexto social se manifesta em ações subjetivas, isso pelo fato de que "[…] exprime-se em acontecimentos que aparecem no decorrer da experiência vivida e que são responsáveis por novas posições da pessoa nesse processo, posições que podem ser associadas à gênese de novos significados subjetivos"[9] (González Rey, 2011, p. 313, tradução nossa).

A subjetividade mostra-se variável, conforme as experiências vividas, como também a dimensão temporal e espacial, que se constituirá em um momento de produção de sentido subjetivo. Por isso, cabe pensar que as relações vividas pelos sujeitos podem expressar subjetividades distintas em cada momento de sua vida.

Da mesma forma, as relações que acontecem na escola são marcadas por configurações subjetivas, em que os

> significados subjetivos que acompanham a reação de um aluno ou de um professor a uma situação em sala de aula nunca são apenas uma expressão do acontecimento vivido, mas do que a criança sente e simbolicamente acredita, quando tem ciúmes de outra criança na própria sala de aula, quando sente que os pais preferem o irmão a ela, quando a expressão do professor a fez sentir uma humilhação que já sentira antes por causa do comportamento do pai para com ela etc. Os sentidos subjetivos são a expressão de um mundo vivido na unidade atual da experiência[10] (González Rey, 2011, p. 313, tradução nossa).

Por isso, a definição de subjetividade precisa estar em articulação com a compreensão de sujeito, pelo fato de que essa pessoa tem uma capacidade geradora de subjetividades diante do vivido, que lhe possibilita (re)agir de forma única, que lhe permite tomar decisões, emitir opiniões, posicionar-se com

---

[8] "presencia que no es causa del comportamiento sino un momento de producción de sentido subjetivo que anticipa la acción del sujeto y que se integra a ella dentro de un proceso con múltiples alternativas de desarrollo que puede tener formas muy diferentes de expresión" (Gómez & González Rey, 2005, p. 374).

[9] "se expresa en eventos que aparecen en el curso de la experiencia vivida y que son responsables por nuevas posiciones de la persona en ese proceso, posiciones que se pueden asociar a la génesis de nuevos sentidos subjetivos" (González Rey, 2011, p. 313).

[10] "sentidos subjetivos que acompañan la reacción de un alumno o de un profesor ante una situación en el aula, nunca son solamente una expresión del acontecimiento vivido, sino de lo que el niño siente y simbólicamente crea, cuando tiene celos de otro niño en la propia aula, cuando siente que sus padres prefieren a su hermano que a él, cuando la expresión del profesor le hizo sentir una humillación que había sentido antes por un comportamiento de su padre hacia él, etc. Los sentidos subjetivos son la expresión de un mundo vivido en la unidad actual de la experiencia" (González Rey, 2011, p. 313).

expressões carregadas de sentidos subjetivos a partir da experiência. É preciso considerar este sujeito histórico e social, suas vivências e seu contexto cultural. Uma pessoa se torna sujeito ativo

> quando é capaz de gerar opções que tensionam os sistemas normativos hegemônicos do espaço social onde desenvolve sua ação, gerando alternativas de significados subjetivos em face desses sistemas hegemônicos. Entre os sistemas sociais normativos e os significados subjetivos que aparecem no curso de uma ação existem múltiplas contradições que estão além da capacidade de representação da pessoa, e é por isso que as opções subjetivas em face desses sistemas normativos não se esgotam no intencional[11] (González Rey, 2011, p. 313, tradução nossa).

EXPLORANDO A CONCEPÇÃO DE LEITOR SUBJETIVO

Se temos um sujeito subjetivo, temos também um leitor com as suas marcas subjetivas, com seu modo de ver e perceber as coisas, as situações, as pessoas e a si mesmo de forma diferenciada, pelo fato de que possui um modo de produzir sentidos subjetivos em relação ao vivido. Uma vez que tem uma personalidade distinta, que possui experiências de vida que lhe são próprias, possui uma capacidade geradora de subjetividades, que, consequentemente, impactará a ação responsiva frente ao texto.

Se considerarmos que o sentido subjetivo se expressa a partir de circunstâncias de experiências vividas, o que promove novas posições, outros modos de se ver e de se perceber nessa realidade, da mesma forma a relação entre leitor e texto pode provocar uma experiência de leitura – que será explorada mais adiante.

Nesse sentido, Langlade (2013) afirma que o sujeito leitor assume a condição de autor da singularidade do texto, isso se deve ao fato de que toda a experiência literária, seja em relação às emoções atribuídas, às associações ou às lembranças construídas, tudo isso tem sua origem nas ações mais íntimas, nessa marca pessoal.

Temos, na abordagem de Langlade (2013), duas visões a serem destacadas: a primeira remete à questão do contexto social e cultural em que o leitor está inserido, como parte constitutiva de suas ações e reações. O que é denominado por Eco (1993) "operação extensional", que incide a partir do texto lido ou de fragmentos, ao trazer parte do mundo em que se vive. Tal extensão corresponde à dimensão externa, mas que atua de forma interna no sujeito, isso porque, na "ação da leitura e na formação de um autor e de um leitor, existe sempre uma dimensão comunitária que, em princípio, imprime nesses atores valores decorrentes da comunidade" (Dumont, 2001, p. 44).

A segunda visão refere-se à questão do leitor como agente atuante do processo produtivo, o que lhe confere a posição de autoria ou coautoria. Tal condição de um sujeito leitor que vivencia a leitura de forma singular, que, de certa forma, assume também o papel de autor ou coautor da obra, fora apon-

[11] "cuando es capaz de generar opciones que tensan los sistemas normativos hegemónicos del espacio social donde desarrolla su acción, generando alternativas de sentidos subjetivos frente a esos sistemas hegemónicos. Entre los sistemas sociales normativos y los sentidos subjetivos que aparecen en el curso de una acción existen múltiples contradicciones que están más allá de la capacidad de representación de la persona, y por eso las opciones subjetivas frente a esos sistemas normativos no se agotan en lo intencional" (González Rey, 2011, p. 313).

tada por Yunes (1995, p. 189), visto que a "literatura desrealiza e vivifica; desenfoca e aproxima; sintetiza e revela. A palavra instaura o mundo (no princípio era o Verbo): o leitor interagindo com o texto é coautor e sente perpassá-lo a condição de criador".

Essa ação do leitor como sujeito coautor da obra aparece nos estudos realizados por Iser (1996, pp. 91-92), quando os vazios deixados entre as palavras

> [...] possibilitam as relações entre as perspectivas de representação do texto e incitam o leitor a coordenar estas perspectivas. [...] Através dos vazios do texto e das negações nele contidas, a atividade de constituição corrente da assimetria entre texto e leitor adquire uma estrutura determinada que controla o processo de interação.

As palavras, por vezes, são insuficientes para expressar todas as ideias e intenções; ainda que propositalmente, as lacunas no texto permitem um adentramento do leitor para entrar em cena e atuar na dimensão cooperativa da obra, que faz parte de uma estrutura que antecipa a presença do leitor. Essa estrutura que prevê a recepção é denominada pelo autor de "leitor implícito". Tal leitor "não tem existência real, pois ele materializa o conjunto de pré-orientações que um texto ficcional oferece, como condições de recepção, a seus leitores possíveis" (Iser, 1996, p. 73).

Langlade (2013) traz uma distinção entre o leitor "experto" e o leitor "subjetivo", o primeiro diz respeito àquele que não se incomoda com detalhes que podem suscitar devaneios, o outro refere-se àquele que se vê marcado por reações diversas durante a leitura. Tais reações subjetivas não dispersam a leitura, "ao invés de excluir as obras para 'fora da literatura', seriam na verdade catalisadoras de leitura que alimentariam o trajeto interpretativo até a sua dimensão reflexiva" (Langlade, 2013, pp. 30-31).

A concepção de leitor subjetivo não parece estar atrelada à ideia de um sujeito passivo, mas que opera com e sobre o texto. Da mesma forma, não parece se limitar ao texto literário, embora tenha este gênero como centralidade, sem restringir-se a uma leitura como entretenimento, como prazer, mesmo que se refira a um texto literário.

Yunes (1995) considera que a leitura não pode estar relacionada somente a prazer, como algo aleatório, como algo definidamente de deleite, até porque o ato de ler como prazer requer um aprendizado desse leitor. Quando abordamos a manifestação do prazer de ler, trata-se de uma ação que precisa ser vivenciada, estimulada, acompanhada, para que se criem situações ou experiências subjetivas, a partir da produção de sentidos, o que irá caracterizar esse leitor como sujeito.

A formação do leitor, de acordo com Yunes (1995), precisa ser repensada a partir de alguns aspectos a que a leitura remete, como a memória, a (inter)subjetividade, a in(ter)pretação, a fruição, a intertextualidade, a escrita.

A memória refere-se ao aspecto de que o leitor é um sujeito histórico e social, encontra-se situado em um determinado tempo e localidade. O tempo tem suas próprias marcas culturais, impõe suas condições de ruptura e descontinuidades, trata-se de

> uma categoria visceral na condição humana. É contra seu fluxo inexorável que a vida luta por permanecer. A riqueza deste embate não está na impossível obtenção do presente eterno: à linearidade do tempo o homem contrapõe o seu exercício da memória, arrancando simultaneidades (Yunes, 1995, p. 191).

A (inter)subjetividade diz respeito a esse movimento interior de expansão dos sentidos, uma vez que a leitura não se consolida sobre o nada, mas sobre um texto, que provoca o leitor a outros pensares e saberes, que o mobiliza a imaginar, a questionar, a refletir sobre algo e ir além dele. Da mesma forma que "um papagaio/pipa na mão de um menino, a leitura viaja sem se desprender de sua raiz: a raiz da leitura é o mesmo que a possibilita, uma relação entre a pipa e a mão, entre o texto e o leitor, que voa sem rotas determinadas *a priori"* (Yunes, 1995, p. 193).

O que remete a um movimento intenso que se sustenta pelas mãos que dão linha para que a pipa voe mais alto, das mãos que provocam tensões na linha para dar equilíbrio à pipa, das mãos que seguram com força para mantê-la no ar. Essa analogia utilizada pela autora representa a subjetividade da leitura na relação entre leitor e texto. A força impulsionadora de tensões que mobiliza o "ato de ler, assim, carrega para um encontro intersubjetividades e memórias várias que se interpenetram e resultam na interpretação" (Yunes, 1995, p. 193).

Outro aspecto refere-se à fruição, que transita entre o afetivo e a intelectualidade, nessa relação entre leitor e texto, o que não diz respeito às reações emocionais, ou às sensações físicas, nem mesmo às manifestações emotivas, mas refere-se a um ato interior de proximidade. Trata-se de uma ação de intuir, a qual "[...] expande o prazer de forma gradual e intensifica o desejo de maior intimidade e convivência com as imagens desencadeadoras deste bem-estar ou desta dor que não se esvai com o término do ato de 1er" (Yunes, 1995, p. 194).

Em relação à intertextualidade, a autora explora a linguagem multimodal, que reúne em uma única linguagem vários elementos, como cor, imagens, escrita, entonação ou musicalidade. A multimodalidade está em constante referência aos textos digitais, mas aqui a autora apresenta a intertextualidade como um fio que vai entrelaçando outros textos, outras formas de expressão da linguagem, que se unifica, que se entrecruza e, nesse percurso, a "[...] memória ajuda a entretecer intertextualidades, o mundo sendo sempre um texto a se recompor por quem o lê e reescreve" (Yunes, 1995, p. 195).

A escrita aparece como um aspecto que deriva da leitura, há uma correlação entre tais ações, em que "Ler é, pois, um ato de primeira instância no esboço da consciência de si mesmo e do outro e sua inscrição no mundo se dá como uma escrita, de vida" (Yunes, 1995, p. 195). A escrita revela não apenas um autor, que pensou na obra, que planejou, que domina um dado conteúdo, mas antes reporta a um leitor, que também leu muitos textos, que tem uma história de vida, traz experiências subjetivas das leituras. Dessa forma, o ato de 1er decorre do ato de escrever, e vice-versa, as ações estão correlacionadas. Diante disso, podemos anotar observações sobre a leitura, escrever a própria história ou de outros, o que não quer dizer que ler refere-se a uma atividade de repetição,

> não é mero exercício sobre a escrita dos outros, mas formulação lenta da própria escrita em relatos e ações. Ler é inscrever-se no mundo como signo, entrar na cadeia significante, elaborar continua-

> mente interpretações que dão sentido ao mundo, registrá-las com palavras, gestos, traços. Ler é significar e ao mesmo tempo tornar-se significante. A leitura é uma escrita de si mesmo, na relação interativa que dá sentido ao mundo (Yunes, 1995, p. 195).

Em busca de uma definição, Yunes (1995) propõe que ler é dar significado e reciprocamente tornar-se significante, traz essa dimensão subjetiva da leitura e do leitor. Porque a ação de ler implica ou reflete diretamente a formação desse leitor.

Nessa mesma direção, os estudos de Langlade (2013, p. 37) consideram que há uma "implicação do sujeito leitor como uma necessidade funcional da leitura literária", por essa razão devemos levar em conta os elementos de subjetividade produzidos na atividade leitora.

Dessa forma, para se considerar a capacidade geradora de elementos de subjetividade produzidos por este leitor ao apropriar-se da obra, é necessário um movimento duplo de distanciamento e proximidade, em que estão envolvidos aspectos emocionais, morais e estéticos inseridos na obra, de modo a favorecer uma experiência distinta.

Uma questão a ser considerada trata-se do texto, esta "superfície linguística" que exigirá do leitor uma constante atualização, pois requer uma competência gramatical, como sujeito operante de ações – ao buscar o significado das palavras em um dicionário, por exemplo –, haja vista que

> sempre postula como o operador (não necessariamente empírico) capaz, por assim dizer, de abrir o dicionário a cada palavra que encontra e de recorrer a uma série de regras sintáticas pré-existentes para reconhecer as funções recíprocas dos termos no contexto da sentença[12] (Eco, 1993, p. 73, tradução nossa).

Nesse movimento de atualização, Eco (1993, p. 76) defende que o leitor precisa atualizar sua própria "enciclopédia" para poder compreender a finalidade do retornar, pois, para o autor, o

> uso do verbo "voltar" implica de alguma forma que, anteriormente, o sujeito se afastara de algo (uma gramática de casos analisaria essa ação atribuindo aos substantivos certos postulados de significado: aquele que retorna já se foi antes, assim como o solteiro é um ser humano adulto do sexo masculino)[13] (tradução nossa).

Outra atualização refere-se a um trabalho de inferência a partir daquilo que está escrito, da malha textual, daquilo que as palavras sugerem, de forma que "o texto está cheio de espaços em branco, de interstícios que têm de ser preenchidos; quem o emitiu previu que seriam preenchidos"[14] (Eco, 1993, p. 76, tradução nossa).

---

[12] "postula siempre como el operador (no necesariamente empírico) capaz, por decirlo así, de abrir el diccionario a cada palabra que encuentra y de recurrir a una serie de reglas sintácticas preexistentes con el fin de reconocer las funciones recíprocas de los términos en el contexto de la oración" (Eco, 1993, p. 73).

[13] "uso del verbo |volver| entraña de alguna manera que, previamente, el sujeto se había alejado (una gramática de casos analizaría esta acción atribuyendo a los sustantivos determinados postulados de significación: el que vuelve se ha alejado antes, así como el soltero es un ser humano masculino adulto)" (Eco, 1993, p. 76).

[14] "el texto está plagado de espacios en blanco, de intersticios que hay que rellenar; quien lo emitió preveía que se los rellenaría" (Eco, 1993, p. 76).

O texto trata-se de uma produção pensada pelo autor, que considera, ainda que minimamente, um determinado leitor. Eco (1993, p. 79) parte da condição de que "*um texto é um produto cujo destino interpretativo deve fazer parte do seu próprio mecanismo gerador:* Gerar um texto significa aplicar uma estratégia que inclui previsões dos movimentos do outro; como acontece, aliás, em qualquer estratégia"[15] (tradução nossa)[16].

Eco (1993) parte da metáfora de estratégia militar, para apontar que toda estratégia se trata de um jogo, que pensa e prevê as ações do inimigo, em que o estrategista cogita um modelo de adversário e a partir disso desenvolve suas ações. Da mesma forma, o autor explora a ideia de *Lector Modelo* "capaz de cooperar na atualização textual da forma que pretendia e de se mover interpretativamente, tal como se moveu generativamente" (Eco, 1993, p. 80)[17].

Para Eco (1993), o leitor não somente preenche espaços em branco deixados pelo texto, mas também o atualiza. Para realizar essa atualização, é necessário que se leve em conta o *Autor Modelo*, que surge como uma estratégia textual de leitura na tentativa de lidar com as intenções previstas no enunciado, isso porque a configuração desse "Autor Modelo" depende de determinados

> traços textuais, mas também envolve o universo que está por trás do texto, atrás do destinatário e, provavelmente, também em relação ao texto e ao processo de cooperação – no sentido de que essa configuração depende da pergunta: "O que eu quero fazer com este texto?" (Eco, 1993, p. 95, tradução nossa)[18].

Estes espaços em branco, ou aquilo que sugerem as palavras, ocorrem por duas razões, segundo Eco (1993), primeiro porque o texto se vale dos sentidos que o leitor lhe atribui; diante da situação de abuso da pretensão do texto ou da preocupação didática exacerbada, o leitor age em busca de violar as regras. Como assinala Certeau (2007), busca em golpes de vista encontrar subterfúgios para romper com aquilo que não lhe convém.

Para além da função estética ou didática que é atribuída ao texto, há uma intenção que se evidencia, o não acabamento, pois o texto "quer deixar a iniciativa interpretativa ao leitor, embora normalmente

[15] Eco (1993) traz os enfoques gerativo e interpretativo com base nos estudos hermenêuticos, de forma ampliada para uma tricotomia, que seria a oposição entre interpretação como pesquisa da *intentio auctoris*, interpretação como pesquisa da *intentio operis* e interpretação como imposição da *intentio lectoris*. Com base nessa tricotomia, o autor redefine o papel da interpretação, com a proposição de que um texto estimula infinitas interpretações, a qual estabelece dois tipos de leitores: o semântico ou semiósico e o crítico ou semiótico. O "leitor semântico" se insere no processo pelo qual o destinatário, diante do texto, preenche-o de significado, uma espécie de leitor modelo ingênuo, e o "leitor semiótico", no processo em que o destinatário procura explicar por que razões estruturais pode o texto produzir aquelas interpretações semânticas, uma espécie de leitor modelo.

[16] "un texto es un producto cuya suerte interpretativa debe formar parte de su propio mecanismo generativo: generar un texto significa aplicar una estrategia que incluye las previsiones de los movimientos del otro; como ocurre, por lo demás, en toda estrategia" (Eco, 1993, p. 79).

[17] "capaz de cooperar en la actualización textual de la manera prevista por él y de moverse interpretativamente, igual que él se ha movido generativamente" (Eco, 1993, p. 80).

[18] "huellas textuales, pero también involucra al universo que está detrás del texto, detrás del destinatario y, probablemente, también ante el texto y ante el proceso de cooperación – en el sentido de que dicha configuración depende de la pregunta: '¿qué quiero hacer con este texto?'" (Eco, 1993, p. 95).

queira ser interpretado com uma margem suficiente de univocidade. Um texto quer que alguém o ajude a funcionar" (Eco, 1993, p. 76, tradução nossa)[19].

NOÇÃO DE LEITURA SUBJETIVA

A leitura como atividade traz em si a tonalidade de subjetividade. Se falamos de um leitor subjetivo, sujeito do ato de ler, consequentemente temos uma leitura subjetiva, por agir em tensão junto ao texto, em ações reversas de ir e vir, de entrar e sair, de aceitação e de discordância, de compreensão e incompreensão, de continuidade e descontinuidade nas palavras, com o texto lido, mas também consigo mesmo, por "provocar o leitor a sair de si mesmo, em algumas situações, pode convidar esse leitor a entrar em si mesmo, ou ainda, em outras, impulsioná-lo a ir além de si mesmo, a superar seus limites e a reconhecer sua própria humanidade" (Goulart, 2023, p. 13).

Essa ação reflete um investimento pessoal do leitor em relação ao texto, conforme Jouve (2013, p. 53), "cada um projeta um pouco de si na sua leitura, por isso a sua relação com a obra não significa somente sair de si, mas também retornar a si". Dessa forma, cada leitura procura ou estabelece intenções ou finalidades específicas na relação entre o leitor e a obra. Qual a finalidade dessa ou daquela leitura? Por que se escolheu este texto e não outro? O que me motiva a ler? O que busco com a leitura dessa obra? Enfim, os aspectos que mobilizam a leitura podem ser diversos, porque dependerá do potencial gerador de subjetividades desse leitor.

O que sabemos é que há uma necessidade de realizar a ação leitora, especialmente quando estamos em estado de espera, de ociosidade, todos os escritos que se põem diante de nossos olhos, somos sugados pelo ato de decodificar os sinais gráficos capturados. Lemos placas, um cartaz pregado na parede, pichações no muro, um panfleto nas mãos de outrem. Lemos tudo o que aparece por acaso, embora nem sempre guardemos na memória essa informação, pois trata-se de uma leitura relâmpago, automática, dificilmente a rejeitamos, contrário ao diálogo dos personagens de Calvino (1979, p. 49):

> – Ela não critica os livros que você lê?
> – Eu? Eu nem leio livros.
> – O que você lê então?
> – Nada. Estou tão costumado a não ler, que não leio nem mesmo o que cai ao acaso sob os olhos. Isso não é fácil: a gente aprende a ler quando criança e fica a vida inteira escravo desses troços escritos que nos caem sob os olhos. Eu tive que fazer um certo esforço nos primeiros tempos para aprender a não ler, mas agora já faço isso naturalmente. O segredo é não evitar encarar as palavras escritas, pelo contrário: é necessário olhá-las fixamente, até que desapareçam.

Depois que nos alfabetizamos, lemos tudo o que cai aos nossos olhos, há uma curiosidade insana ou despretensiosa, até distraída, de ler as palavras fixadas, mesmo sem interesse nem intenção prévia com esta leitura. Dificilmente conseguimos essa façanha do personagem de Calvino (1979) de ignorar os escritos diante de nossos olhos. O que sabemos é que somos impulsionados pela leitura, quer seja por

[19] "quiere dejar al lector la iniciativa interpretativa, aunque normalmente desea ser interpretado con un margen suficiente de univocidad. Un texto quiere que alguien lo ayude a funcionar" (Eco, 1993, p. 76).

uma necessidade de fazer-nos sentir pertencentes ao grupo, à cultura escrita produzida, quer pela força de ações e atuações que essa cultura exerce em todos nós, quer pela motivação que nos impulsiona, pois "o estímulo da leitura me é indispensável: o de uma leitura substancial, mesmo quando não chego a ler mais que algumas páginas de cada livro. Essas poucas páginas encerram para mim o universo inteiro que não consigo esgotar" (Calvino, 1979, p. 238).

Não se trata da quantidade de livros lidos, o que reporta para o aspecto material da leitura; ao contrário, refere-se ao seu aspecto imaterial, relacionado à intensidade que a envolve, ou o que denominamos de subjetivo, porque "ler é ir ao encontro de uma coisa que vai existir, mas que ninguém sabe o que será" (Calvino, 1979, p. 71).

O texto consiste no aspecto material, corresponde à malha textual, às palavras escritas, observáveis, entretanto seu conteúdo, mesmo já fixado, vai se construindo a partir dos sentidos produzidos, o que remete ao aspecto não visível da leitura. Por essa razão, como leitores, buscamos no texto algo que não sabemos exatamente o que é. O leitor transita por terras desconhecidas, estrangeiras, realiza uma "operação leitora" em que "ler é estar alhures, onde não se está, em outro mundo; é construir uma cena secreta, lugar onde se entra e de onde se sai à vontade; é criar cantos de sombra" (Certeau, 2007, p. 269).

Nesse processo de (re)criação, a leitura se mostra uma operação descontínua, uma vez que, ao transitar pelo texto, o leitor não se apropria de forma inteira da obra, mas sim de fragmentos. A ação do sujeito leitor de continuar a ler um texto se mostra persistente, mesmo em saltos de palavras ou frases. O que não se trata de uma ação incorreta, visto que o leitor tem o direito de não ler, de pular páginas ou de não terminar o livro (Pennac, 2008).

Quais as motivações e quais os interesses que impulsionam este leitor a prosseguir com a leitura? Essa questão nos permite pensar na distinção entre motivação e interesse. A motivação está relacionada a um conjunto de processos que darão ao comportamento uma intensidade, uma direção determinada para realizar algo, uma atividade. A motivação pode derivar-se de vários fatores, de elementos internos e externos. O interesse se mostra algo mais dinâmico e ativo, em que se aciona a capacidade de escolha por aquilo que se atribui certa importância ou preferência. Mas ambos estão relacionados a algo próprio do sujeito.

A motivação pode acontecer pela necessidade de trabalho, de estudo e proveniente de uma "leitura utilitária", com uma finalidade demarcada; de outra forma, poderia ser por meio das relações sociais, indicações, influências e pertencimento a uma determinada comunidade, próprio de uma "leitura social", ou mesmo decorrente de uma necessidade de autoaprimoramento, de interesse pessoal, estaria relacionada a algo intrínseco ao sujeito (Goulart, 2023). De uma "leitura íntima", em que o leitor a busca como reparação, como transgressão, como ato de identificação em que ler é para "recorrer a bens culturais diversos, para se encontrar, para se reconhecer, para se construir ou reconstruir, não é a mesma experiência que ler para esquecer ou para se distrair" (Petit, 2013, p. 107).

Independentemente das múltiplas motivações que possam subsidiar a leitura, Pennac (2008, p. 64) aponta que "é preciso ler, é preciso ler para viver e é mesmo – essa absoluta necessidade da leitura – o

que nos distingue do animal, do bárbaro, do bruto ignorante, do sectário histérico, do ditador triunfante, da materialista insaciável, é preciso ler!". A motivação como ato subjetivo poderia fortalecer a formação humana, a qual estaria marcada por um diferencial quando se atingir a finalidade de: "Ler para viver. Ler a vida. Ler para ampliar as perspectivas, para associar ideias, para reinventar o mundo, a partir da condição pessoal" (Yunes, 1995, p. 187).

Quando interrogamos as palavras, ampliamos seu significado, possibilitamos esse vir a ser que, no caso, se refere ao próprio texto, que vai se constituindo em sentidos, conforme lemos, e desta relação,

> desta troca, nasce o prazer de conhecer, de imaginar, de inventar a vida. O mundo é representação de linguagem, hoje sabemos. Nada há que esteja fora das palavras, o mundo real tem tantas formas quantos discursos há. Neste caleidoscópio de perspectivas, o horizonte se rasga, vivemos muitas vidas e conhecemos melhor a história cotidiana (Yunes, 1995, p. 188).

Frente às subjetividades da leitura, há um investimento desse leitor em relação ao texto, que investe em operações mentais que são subjetivas. Ao imaginar o cenário, as características dos personagens, o comportamento, o tom da voz, as reações, os sentimentos, que reportam às vivências deste leitor, o que remete a lembranças, pois é "no processo de representação que os traços do vivido individual aparecem mais claramente" (Jouve, 2013, p. 14).

De acordo com Jouve (2013), existe um plano afetivo e um plano intelectual na dimensão subjetiva da leitura. No plano intelectual, podem se listar inúmeras operações mentais, denominadas de capacidades ou de estratégias (Solé, 1998), que são necessárias nesse processo. Em relação ao texto literário, o uso de recursos interpretativos exige intensivo esforço intelectual, concentração, atenção, relação de sentidos, uma vez que se utiliza de uma linguagem indireta, de figuras de linguagem, com recorrências às metáforas, às analogias, a uma poética que, por vezes, esquiva-se à subjetividade. No plano afetivo, tem-se a identificação, carregada de memória pessoal, de lembranças, que compõe uma veste singular própria de cada leitor.

Tais planos de ação operam juntamente no momento da leitura; em relação ao processo intelectual, a ativação da compreensão pode requer uma atuação maior no plano intelectual. Por outro lado, quando o processo de identificação requer uma ação de deslocamento, uma vez que "somos nós que lemos enquanto lemos o que somos"[20] (Reyes, 2005, p. 190, tradução nossa).

Para falarmos de leitura literária na formação da identidade do leitor, temos de considerar que nenhuma forma de identidade, nem mesmo a pessoal, pode ser concebida, compreendida sem as relações com o outro ou com o mundo. A construção da identidade, segundo Mazauric (2013, p. 91), não se trata de uma ação solitária, que se restringe a uma relação em torno de si mesmo, visto que corresponde a "uma interação, que coloca em relação um sujeito com outros sujeitos, com grupos, com instituições, com corpos, com objetos, com palavras".

[20] "somos los que leemos al tiempo que leemos lo que somos" (Reyes, 2005, p. 190).

Nessa direção, a leitura pode ser compreendida como um trabalho de formação identitária, porque decorre de uma relação com a palavra do outro e que remete ou provoca à minha palavra, como ação responsiva. A identificação parte de uma experiência de leitura, que conduz à reestruturação das representações e à reavaliação da sua relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo. Para Mazauric (2013, p. 93), esse processo de trabalho identitário ocorre a partir de três modalidades: a designação, a representação e a autopercepção. O texto literário permite ao leitor ativar a representação, o jogo simbólico de identificação com os personagens, com as situações, com a vida alheia descrita, que revela o "próprio trabalho de leitura, em um movimento de retorno, a si e ao outro, em direção a si através do outro, em direção ao outro através de si".

Quando falamos da formação literária, temos ciência de que a leitura subjetiva promove uma relação diferenciada entre a literatura e a vida, um laço que aproxima leitor e texto. É neste laço dinâmico, entrelaçado de trocas, que a leitura ganha sentidos. Este laço é o fundamento em si, a razão de ser, que nos constitui pela linguagem.

A leitura das obras literárias nos oferece "[...] possibilidades de ser, das promessas de existência", como escreve Rouxel (2018, s/p.), convidando-nos a vivê-las em nós mesmos; ela amplia nosso ser, suscitando reações, emotivas e cognitivas, trazendo-nos a nós mesmos. Trata-se de uma ação potencializadora da leitura que acontece quando o leitor aceita participar do "jogo literário" de se abandonar e de se abrir ao texto, de viver intensamente o que ele propõe e se dominar para se compreender e se construir. Somente nessas condições é "que pode agir a leitura subjetiva, tal como a concebe o grupo de pesquisadores em didática da literatura ao qual pertenço" (Rouxel, 2018, s/p.).

Nesse sentido, Rouxel (2018, s/p.) assinala que a definição de leitura subjetiva se encontra inseparável da noção de leitor. A leitura subjetiva demonstra a singularidade do leitor, de modo a oportunizar que o leitor exponha sua personalidade, pensamento, imaginação, interesses, valores, limites e potencialidades. Por isso, quando se discute sobre a formação literária docente, temos ciência da importância do trabalho com a literatura no contexto escolar, de modo a valorizar a ação desse sujeito leitor subjetivo, a favorecer as relações de produção de sentidos, para a construção da identidade.

> [...] no início do século XXI, as noções de sujeito e de subjetividade ganham interesse teórico no campo das ciências humanas e da formação. De agora em diante, a reflexão dos pesquisadores se engaja no papel capital das emoções na recepção das obras literárias, em suas dimensões cognitiva e heurística. As abordagens psíquico-fenomenológicas se desenvolvem: elas implicam em um trabalho reflexivo de exploração do vivido subjetivo no coração da leitura. O sujeito descobre de que maneira ele investe e se investe pelo texto neste movimento, ele se descobre a si mesmo (Rouxel, 2018, s/p.).

Essa concepção de leitura subjetiva, segundo Rouxel (2018), por considerar o leitor como ator preponderante na leitura, em contraponto às concepções que enfatizam a relação texto-leitor-autor, vem romper com discussões institucionais e teóricas que distanciam a subjetividade como uma vertente pouco produtiva, por rechaçar os valores de objetividade, de racionalidade.

Em entrevista com Neide Rezende sobre a obra *Leitura subjetiva*, Pinto (2022, p. 274) pergunta a respeito da percepção e das representações associadas à leitura subjetiva. Como resposta, Neide Rezende destaca duas proposições relevantes: a primeira de "toda leitura de um texto é subjetiva, e, no caso do texto literário, mais subjetiva ainda, considerando que ao longo da leitura estabelecemos uma infinidade de relações com o texto, a partir da vivência de cada um". Tal percepção vem assegurar que a subjetividade parte da dimensão literária do texto. A segunda proposição remete à noção de leitor subjetivo, por isso destaca a importância do trabalho com a literatura no contexto escolar, uma vez que se trata de uma "noção reconhecível para nós da área de ensino, está associada a uma perspectiva contemporânea que reconhece a leitura do aluno como necessária para o trabalho com a literatura na escola" (Pinto, 2022, p. 274).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentarmos uma reflexão teórica a partir da noção de subjetividade, de leitura subjetiva e de sujeito subjetivo, buscamos compreender o que fundamenta tais discussões com base nos estudos de Edgar Morin (2005) e González Rey (2011), de Rouxel e Langlade (2013) e de Yunes (1995), com o intuito de dar visibilidade às abordagens teóricas e metodológicas que podem impactar no ensino de literatura.

A reflexão traz como ênfase que a subjetividade da leitura se constitui da relação de intimidade – intensa e profunda – do leitor com o texto. Tal relação parte de um ato de experiência em que a compreensão leitora mobiliza ações interiores – cognitivas e afetivas –, possibilitando a transformação, ou seja, o leitor sai de um estado de conhecimento e avança a outro com um saber mais elaborado, ampliado ou mais reflexivo que o anterior.

A leitura se move em ações simultâneas, quando nos constitui enquanto leitores, a partir daquilo que lemos e quando nos provoca o autoconhecimento, na compreensão do que somos, motivo pelo qual compõe-se na singularidade desse sujeito-leitor, por proporcionar um momento único, pessoal e intransferível. Ainda que compartilhemos ou que expressemos a experiência obtida por meio da leitura de uma obra, muitos, embora compreendam o contexto da narrativa ou a centralidade dos argumentos explicitados, não poderão nem conseguirão reproduzir os mesmos sentidos, as mesmas sensações, percepções e aprendizados obtidos por nós (Goulart, 2003).

A ação leitora se caracteriza pela singularidade até para o mesmo leitor, para a mesma obra ou para obras distintas, em que outras experiências são construídas ao se reler um mesmo texto. Cada texto que lemos desencadeia percepções, compreensões e encontros que são únicos. Isso porque não somos os mesmos, as experiências vividas nos permitem olhar e perceber aspectos do texto de outra perspectiva e, além disso, a finalidade que motivou o retorno à obra também não será a mesma: "[...] em cada releitura surge um novo livro. Cada leitura é uma outra leitura. Todo bom texto é para sempre jovem" (Queirós, 2012, p. 76).

REFERÊNCIAS

Calvino, I. (1979). Se um viajante numa noite de inverno. Tradução de Margarida Salomão. São Paulo: Círculo do livro.

Certeau, M. (2007). A invenção do cotidiano: Artes de fazer (7a. ed.). Petrópolis: Vozes.

Dumont, L. M. M. (2001, janeiro/junho). Contexto, leitura e subjetividade. Transinformação. 13(1), 43-47.

Eco, U. (1993). Lector in fábula: la cooperación interpretativa en el texto narrativo. Traducción de Ricardo Pochtar (3 ed.). Barcelona: Editorial Lummen.

Gómez, A. D., & González Rey, F. (2005, Octubre-Diciembre). Subjetividad: Una Perspectiva Histórico Cultural. Entrevista (2005, 25 Abr). 1er Congreso de ULAPSI. Publicada por Univ. Psychol. Bogotá (Colombia), 4(3), 373-383. ISSN 1657-9267. Acessado em: http://www.scielo.org.co/pdf/rups/v4n3/v4n3a11.pdf.

González Rey, F. (2011). Sentidos subjetivos, lenguaje y sujeto: avanzando en una perspectiva postracionalista en psicoterapia. Rivista di psichiatria, 46(5-6), 310-314.

González Rey, F., & Torres, J. F. P. (2020). Epistemologia qualitativa e estudo da subjetividade em uma aproximação cultural-histórica: conversação com Fernando González Rey. *In*: Torres, J. F. P. (Org.). Estudos da subjetividade: uma aproximação interdisciplinar. Palmas, TO: EDUFT (pp. 14-25).

Goulart, I. C. V. (2011, abril/junho). O livro nas memórias de leitura. Revista Educação e Sociedade, Campinas, 32(115), 567-582. Acessado em: https://doi.org/10.1590/S0101-73302011000200018.

Goulart, I. C. V. (2023). Leitura, leitura literária e ensino: representações discursivas da década de 1980. Lavras: editora Ufla. Acessado em: http://repositorio.ufla.br/jspui/handle/1/58685.

Goulart, I. C. V., & Ferreira, N. S. A. (2015). Relações que entremeiam leitor e livro: da materialidade à afetividade. Revista Álabe, Almería (12), 1-16. Acessado em: https://doi.org/10.15645/Alabe2015.12.5.

Iser, W. (1996). Concepções do leitor e a concepção do leitor implícito. *In*: Iser, W. O ato da leitura: uma teoria do efeito estético (v. 1). Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34.

Jouve, V. (2013). A leitura. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo - SP: UNESP.

Langlade, G. (2013). O sujeito leitor, autor da singularidade da obra. *In*: Rouxel, A., Langlade, G., & Rezende, N. L. de (Orgs). Leitura subjetiva e ensino de literatura. São Paulo: Alameda.

Mazauric, C. (2013). Les moi volatils des guerres perdues: A leitura, construção ou desconstrução do sujeito? *In*: Rouxel, A., Langlade, G., & Rezende, N. L. de (Orgs). Leitura subjetiva e ensino de literatura. São Paulo: Alameda.

Morin, E. (2005). Ciência com Consciência. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória (8a ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Pennac, D. (1993). Como um romance. Tradução de Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco.

Petit, M. (2008, Julio). El derecho a la metáfora. Signo & Seña, Catamarca (19), 132-143.

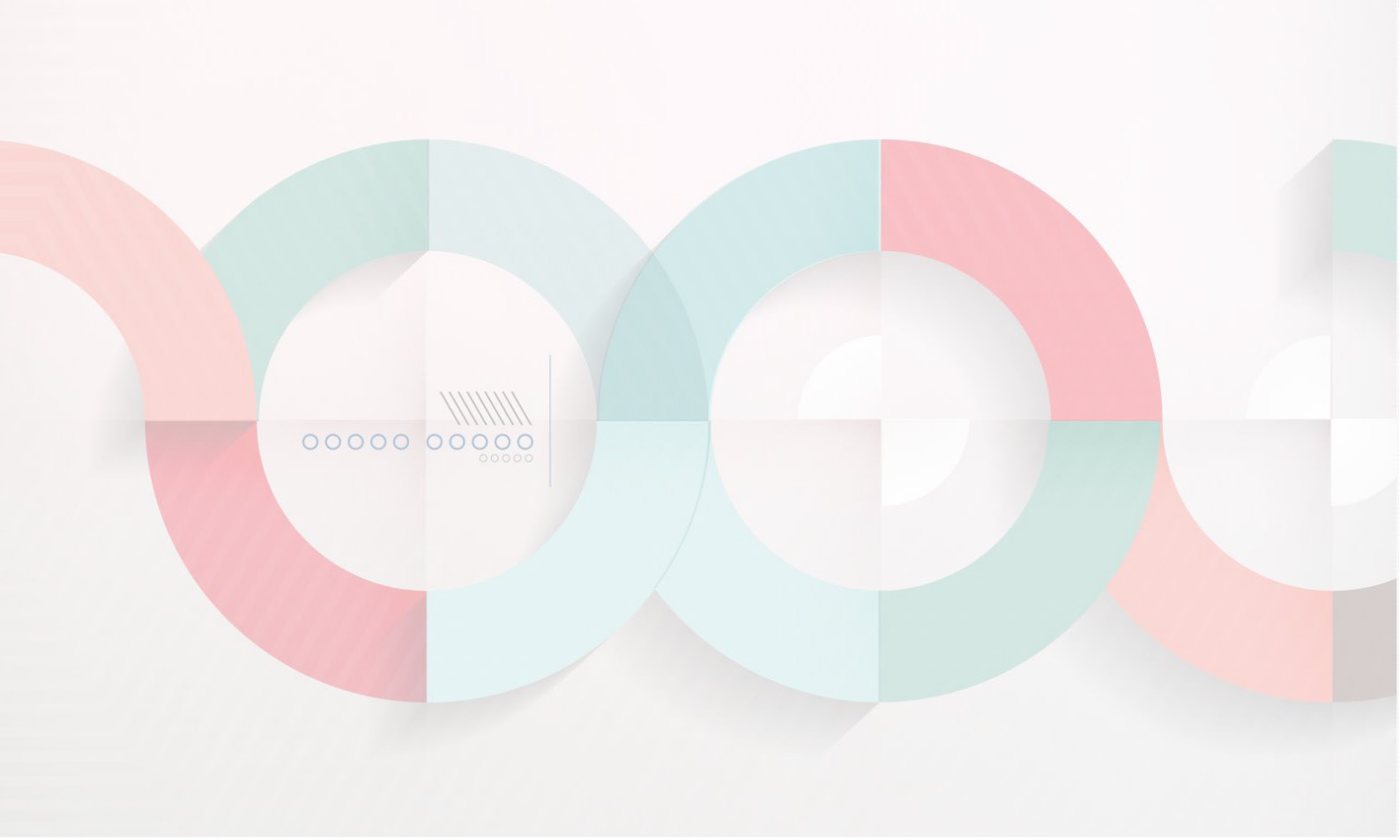
Petit, M. (2013). Leituras: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Editora 34.

Pinto, F. N. P. (2022). Leitura subjetiva de literatura e leitura literária: entrevista com Neide Rezende. Revista Humanidades & Inovação, ISSN 2358-8322, Palmas - TO 9(12), 273-278. Acessado em: https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/7435.

Queirós, B. C. de. (2012). Sobre ler, escrever e outros diálogos. Belo Horizonte: Autêntica.

Reys, A. B. (2005). La pasión de leer. Revista de Educación, Madrid (número extraordinario), 189-201.

Rouxel, A., Langlade, G., & Rezende, N. L. de (Orgs). (2013). Leitura subjetiva e ensino de literatura. São Paulo: Alameda.

Solé, I. (1998). Estratégias de leitura. Tradução de C. Schilling. Porto Alegre: Artmed.

Yunes, E. (1995). Pelo avesso: A Leitura e o Leitor. Letras, Curitiba (44), 185-196. Editora da UFPR.